Luxúria Canibal, Adolfo

(1959-)



Transmutador de perspetivas sob o pseudónimo de **Adolfo Luxúria Canibal**, Adolfo Morais de Macedo nasce na cidade de Luanda, em Angola: "Crio personagens, é verdade. Mas isso não implica que um seja o Canibal e outro o Macedo. Não são esses que eu crio – são outros (cf. Silva: 2009). Cresce entre Vieira do Minho e Braga. Em 1978 passa a cursar Direito em Lisboa, onde vive até 1999, exercendo advocacia e consultoria jurídica. Na qualidade de especialista em Direito do Ambiente, profere inúmeras palestras em Portugal e no estrangeiro. Como músico, escritor e performer é assinalável a sua movimentação nacional e internacional, tendo sempre zelado, quer do ponto de vista ecológico quer etológico, por reservas naturais ontologicamente bem demarcadas.

Em 2003 é considerado, pelo semanário Expresso, uma das cinquenta figuras mais importantes da cultura portuguesa contemporânea. De 1993 a 1999 integra um Grupo de Peritos Jurídicos da Convenção de Berna, junto ao Conselho da Europa, em Estrasburgo. Muda-se depois para Paris, onde é tradutor, ator de figuração, gerente comercial, jornalista, cronista, voz para telemóveis, crítico musical ou gestor liquidatário de sociedades cinematográficas. No final de 2004 regressa a Braga e à consultoria jurídica.

A iteração entre a música, a escrita e as artes performativas é uma característica recorrente do fundador, letrista e vocalista do grupo Mão Morta, (desde 1984), depois de ter fundado e exercido igual função nos grupos Bang-Bang (1981), Auaufeiomau (1981-1984) e PVT Industrial (1984). Em 2000 passa a integrar o grupo francês Mécanosphère, como vocalista. Participa como ator nos filmes Gel Fatal, de António Ferreira, e O Dragão de Fumo, de José Carlos de Oliveira. Autor de espetáculos de *spoken word*, a solo (1999) ou com António Rafael (desde 2004). Escreve textos diversos para jornais e revistas, como a Vértice ou a 365, e é, de 2000 a 2004, correspondente do jornal Blitz. Tem uma coluna de opinião no semanário *O Independente* (1999) e mantém, de 2001 a 2004, uma crónica semanal na

Antena 3. Publica os livros *Rock & Roll* (1984) e *Estilhaços* (2004) e escreve o prefácio para a edição portuguesa de *Os Cantos de Maldoror* (2004) de Isidore Ducasse (Conde de Lautrèamont). Traduz Heiner Müller (1997) e Vladimir Maiakovski (2008). Encena e é ator em performances e espetáculos multimédia como *Rococó, Faz o Galo* (1983), *Dos Gatos Brancos que Jazem Mortos na Berma do Caminho de Ferro* (1983), *Labiu e a Pulga Amestrada* (1984) e *Müller no Hotel Hessischer Hof* (1997) – com Mariana Otero, ou é apenas ator, como em *Maldoror* (2007), encenado por António Durães. Participa como vocalista ou letrista em diversos discos e espetáculos de mais de uma dezena de grupos e artistas portugueses e estrangeiros, como Pop Dell'Arte, Clã, Moonspell, WrayGunn, Houdini Blues, Pat Kay & The Gajos ou Steve McKay.

Os poemas, contos e ensaios de *Estilhaços*, parcialmente escrito em Paris, dão conta da digressão física e geomental adotada por Adolfo Luxúria Canibal a partir do final da década de 80. Algumas das secções estruturantes do livro são reveladoras do percurso intermedial e internacional do autor: «No Princípio era o Verbo», «Depois veio o Som», «Chegaram os Mão Morta», «Mutantes S.21», «Há já muito Tempo que nesta Latrina o ar se tornou irrespirável», «E tudo ao Verbo retorna», «Epístolas de Guerra» e «Francesices». A realidade em este autor manobra a sua perceção fala da "afectividade da língua" e leva-o à seguinte constatação: "o facto de utilizar o português não me torna particularmente compreendido pelos meus contemporâneos" (Canibal, 2004: 167). Em «Sobre a Palavra», evidencia que a sua conceção de território expressivo institui uma ordem outra: "fitando divergências e convergências, o meu ponto de vista pretende-se olhar externo, transversal, que atravessa o assunto como quem atravessa a China – sorriso nos lábios, sentidos alerta e o indescritível prazer de se maravilhar a cada curva do raciocínio"(Ibid.: 163).

«Mutantes S.21», por exemplo, é um diário de viagem por nove cidades – Lisboa, Istambul, Berlim, Amesterdão, Barcelona, Paris, Marraquexe e Budapeste em que, mais uma vez, se faz sentir neste autor a influência da Internacional Situacionista (de que são figuras de proa Guy Debord e Raoul Vaneigem) de criar uma espécie de supramundo assente em premissas privilegiadoras da reconquista do tempo, o usufruto da sua passagem, a consciência da sua

rápida fuga, a certeza da urgência e a sensação da mais completa disponibilidade. Estes tópicos, emergentes em «Há já muito Tempo que nesta Latrina o ar se tornou irrespirável», são sintomáticos da utopia do urbanismo unitário ou de práticas como a deriva e a psicogeografia e persistem neste autor.

Passagens

Portugal, Suiça, França.

Citações

Paris

É agradável regressar a Paris, ao frio outonal que dispersa as folhas carmim pelo cair da noite. Voltar a ouvir o linguajar árabe, esses sons cavos soprados do céu da boca, e sentir o frenesim cosmopolita de milhentas raças e culturas a roçarem o entardecer, partilhando a vontade universal de ganhar o calor do lar. O mundo, na sua variedade, parece tão perto, mesmo ao alcance da mão, […] Adoro este silêncio feito de mil ruídos indecifráveis, numa amalgama que me devolve a pacifica serenidade do vazio […].

Paris, Novembro de 2002 (Canibal, 2004: 212)

De Estrelas Nada Sei

De estrelas nada sei
Nem mesmo os nomes
Bizarros
Com que as usam baptizar
Prefiro fitar
A negra que passa
Altiva
De nádegas espetadas

A beleza bamboleante
Feita de carnes rijas, africanas
Fremindo
No balanço das passadas

Ou, melhor ainda
A tímida magrebina
Aviltada
No lenço que a quer suprimida

No escuro dos seus olhos
Arpeja um ódio selvagem
Febril
De lascívia apenas pressentida

De estrelas nada sei
A não ser, talvez, a imensidão
Profunda
Deste olhar

Paris, Junho de 2001 (Canibal, 2004: 55)

Bibliografia Ativa Selecionada

CANIBAL, Adolfo Luxúria, *Rock & Roll*, Edições Auaufeiomau, Braga, 1984.
—-, *Estilhaços*, V.N. Famalicão, Quasi, 2003.
—-, Prefácio a *Os Cantos de Maldoror*, Conde de Lautréamont, Tradução de Pedro Tamen, V.N. Famalicão, Quasi Edições, 2004.
—-, *33 Poesias de Vladimir Maiakovski*, Selecção, Tradução e Prefácio, V.N. Famalicão, Quasi Edições, 2008.
—-, "De Estrelas Nada Sei", *Diga Trinta e Três – Os Poetas das 'Quintas de Leitura'*, antologia poética com organização de João Gesta e fotografias de Pat, Fundação Ciência e

Desenvolvimento, Porto, 2008.

Discografia

Mutantes S.21, Mão Morta, LP / CD, Fungui, 1992.
Müller no Hotel Hessischer Hof, Mão Morta, CD, NorteSul, 1997.
Há Já Muito Tempo que Nesta Latrina o Ar se Tornou Irrespirável, Mão Morta, CD, NorteSul, 1999.
Primavera de Destroços, CD, NorteSul, 2001.
Nus, Mão Morta, CD, Cobra, 2004 / LP, Lux Records, 2004.
Estilhaços, com António Rafael, CD, Transporte de Animais Vivos, 2006.
Mécanosphère, CD, Loop, 2003.
Limb Shop, *Mécanosphère*, CD, Raging Planet, 2006.
Maldoror, Mão Morta, 2xCD, Cobra, 2008.

Filmografia

Gel Fatal – António Ferreira (Actor, Ficção) 1996.
Müller no Hotel Hessischer Hof – Nuno Tudela (Documentário, VHS, NorteSul, 1998/ DVD, Cobra) 2005.
O Dragão de Fumo – José Carlos de Oliveira (Actor, Ficção) 1999.
Lucy – Nuno Costa e Cristiano Van Zeller (Narração, Ficção) 2008.
Maldoror por Mão Morta – Manuel Leite (Documentário, DVD, Cobra) 2008.

Bibliografia Crítica Selecionada

JUNQUEIRA, Vitor, *Narradores da Decadência*, V.N. Famalicão, Quasi, 2004.
—-, “Mão Morta”, in libreto de *Maldoror*, ed. Fundação Caixa Geral de Depósitos / Culturgest, 2008.
PAES, Rui Eduardo, “Os Cantos de Maldoror – Mão Morta”, in libreto de *Maldoror*, ed. Fundação Caixa Geral de Depósitos / Culturgest, 2008.
SILVA, Helena Teixeira da, “Adolfo Luxúria Canibal: “Portugal é o país em que todos gostam

de ter títulos", in *Farpas / Jornal de Notícias*, 30.03.2009.
SILVESTRE, Osvaldo Manuel, Um híbrido: Maldoror.
—-, Maldoror uma Adenda.
—-, Maldoror para terminar.
VENTURA, Vitorino Almeida, "Do Fruto Proibido. Experiências Limite: Sexo, Drogas e Rock'n Roll" (Sobre Mutantes S.21 e Estilhaços), *As Letras como Poesia*, Porto, Edições Afrontamento, 2008.

Manuela Velosa (2012/01/03)